

A Evolução Histórica da Consciência

[Dalmo Duque dos Santos](#)

Como vimos, o pecado original que nos acompanha como herança de Adão é o conflito da razão com o instinto, essa força inspiradora que mais tarde será transformada definitivamente em intuição, o sexto sentido. Como bem observou o filósofo Humberto Hohden*, o homem é o único animal cuja espinha dorsal é natural e permanentemente vertical, como se a nossa cabeça estivesse sempre voltada para o alto, como uma antena que sintoniza as vibrações dos mundos superiores. Enquanto os corpos dos animais irracionais permanecem horizontais, ligados ao mundo físico, o nosso corpo obedece o impulso da evolução e se levanta para captar novas experiências de racionalidade e espiritualidade. Esse corpo vertical, que assume a forma de uma cruz quando abrimos os braços, torna-se o símbolo vivo do sacrifício, da renúncia e do amor ao próximo.

Mas ainda sofremos muito a interferência instintiva, a busca constante da satisfação das nossas necessidades mais fundamentais. Essa busca, que nos fez caçadores das coisas do mundo físico e material, nos faz agora caçadores de nós mesmos, das coisas do mundo íntimo e espiritual. Essa é a equação existencial que temos que solucionar para superar o Homem do Passado, que luta para sobreviver em nosso ser, e continuar a nossa caminhada para deixar nascer em nós o Homem do Futuro.

Mas que homem é esse? Seria um tipo especial e definitivo? Acreditamos que não seja um modelo definitivo, mas um modelo adequado ao nosso tempo histórico. Numa perspectiva antropológica - ou ainda antroposófica[15] - essa transformação da consciência humana. Mostra as etapas evolutivas, em cada qual predominou ou manifestou-se um protótipo mental característico, e dos quais herdamos as experiências mais significativas que resultaram naquilo que somos hoje e naquilo que podemos ser num futuro não muito distante. Então, do ponto vista antropológico teríamos esses oito tipos culturais:

O Homem Biológico: É o Homo Sapiens Sapiens ou Homem de Cro-Magnon, do período paleolítico, surgido cerca de 35 mil anos A.C. “Uma era de pequenos grupos esparsos e nômades de homínídeos, vagueando em áreas relativamente extensas, constantemente preocupados em satisfazer a fome”. É a raça adâmica (de Adão), que habitava as cavernas, descobridora do fogo e dos primeiros instrumentos de transformação da natureza. Deu seus primeiros passos no Homo Erectus (500 mil AC), passou pelo Homo Neandertal ou Sapiens (150 mil AC) até chegar no estágio biológico atual.

O Homem Tribal: Esse Adão era gregário, sedentário, o descobridor da

agricultura e da domesticação de animais e construtor das primeiras aldeias. Era princípio da sociedade organizada (entre 9 e 7 mil AC).

O Homem Anímico: Esse Adão já está pré-civilizado, ou seja, está entre o mundo das aldeias tribais e as primeiras civilizações do IV milênio AC. É a chamada proto-história, na qual o homem manifesta sua curiosidade pelo fenômenos naturais e passa a ter com eles um relacionamento místico. Tudo que não pode ser explicado pela razão é da esfera do sobrenatural. O mundo é mágico e o politeísmo religioso e suas magias marcam essa fase anímica.

O Homem Teológico: É o homem das civilizações históricas e teocráticas do Crescente Fértil : Egito, Palestina e Mesopotâmia (a partir de 3.500 AC). A crença religiosa passa a ser objeto de dominação política (Estados teocráticos) e o misticismo é formalizado como prática ritual . A magia e o sobrenatural passam a ser conhecimento de domínio de especialistas ou sacerdotes.

O Homem Racional : É a expressão do individualismo greco-romano. Aqui o homem racionaliza todos os seus hábitos pessoais e sociais, inclusive a religião. A mitologia greco-romana é um exemplo dessa tentativa de explicar racionalmente o mundo e seus mistérios através de símbolos e analogias. O homem quer entender como funciona o seu ser e porque somente ele tem consciência de si mesmo. A Filosofia, com Sócrates, Platão e Aristóteles será o resultado mais aperfeiçoado desse esforço.

O Homem Metafísico: Nessa era pré-científica, logo após a Idade Média e do retrocesso ao tempo teológico imposto pela Igreja, o homem do Renascimento também sente a necessidade de retomar sua trajetória voltando na fase que havia estacionado com a queda de Roma. A razão toma rumos científicos nos séculos XVI e XVII com Descartes, Newton e Bacon. Pensar é existir e o sentido dessa existência por ser encontrado na experiência empírica, na prática pré-científica.

O Homem Positivo: É o homem da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. A prática pré-científica chega à fase científica, onde as experiências podem ser comprovadas pela tecnologia. O Iluminismo filosófico e o positivismo científico dão novas direções para a mente humana. É nessa fase que surge os preparativos para a fase que estamos vivendo hoje.

O Homem Psicológico: Segundo Herculano Pires, trata-se de “um ser potencialmente tridimensional, cuja razão se fecha nas categorias decorrentes da experiência sensorial. O Homem-psi corresponde a um novo conceito de razão e da mente que surge uma nova dimensão com a descoberta da percepção extra-sensorial. Trata-se de uma verdadeira ampliação do conceito do homem, que retorna às dimensões espirituais antigas, enriquecido com as provas científicas, e por isso mesmo liberto da garga das superstições, do misticismo dogmático e do pensamento mágico”. Essa fase nasceu da explosão dos fenômenos mediúnicos e com a Codificação do Espiritismo, em 1857, com a publicação de O Livro dos Espíritos. Inaugurava-se a “Era do Espírito” que seria complementada com a revolução psicanalítica de Sigmund Freud, no início do século XX, até chegar na psicologia humanista de Carl

Rogers. A harmonia da mediunidade com a psicologia, entre o fenômeno e o comportamento, a técnica e a atitude, será síntese do Homem do Futuro.

Mas ponto de vista espiritual ou da antroposofia, essas etapas evolutivas seriam marcadas pelos protótipos, cuja influência cultural não se restringe à cultura material, mas também às experiências pré-encarnatórias:

O Primeiro Ser - BIOLÓGICO

Domínio da inteligência cinestésico-corporal. Predomínio dos instintos e dos desejos. Vive o tempo imediato e presente. Preocupação com a sobrevivência do corpo e busca de entendimento do mundo fenomenal exterior. Religiosidade natural exterior e mágica.

1ª fase do tornar-se Pessoa: Bloqueio e recusa à comunicação. Tendência a alienação.

Reminiscência atual: Por que estou assim?

O Segundo Ser - TEOLÓGICO

Domínio da inteligência espacial e lingüística. Despertar da intuição e das aspirações do tempo futuro. Religiosidade ritualística exterior. Preocupação com a sobrevivência da alma e o medo da morte.

2ª fase: Início da comunicação e do desejo de mudança. Não reconhece os sentimentos e emoções.

Reminiscência: O que estou sentindo?

O Terceiro Ser - RACIONAL

Domínio das inteligências lógico-matemática. A crise existencial e a busca filosófica do sentido existencial exterior. A Razão supera e inibe a emoção. Religiosidade narcísica e antropomórfica.

3ª fase: Aceitação reduzida de sentimentos.

Reminiscência: Qual a origem desse sentimento?

O Quarto Ser - METAFÍSICO

Domínio da inteligência musical. A percepção da realidade extra-física e do sexto sentido. Crise existencial e a busca da realidade existencial interior. Tendência de equilíbrio razão e emoção. Religiosidade mística e sobrenatural.

4ª fase: Contextualização dos sentimentos. Despertar da consciência integral.

Reminiscência: Que razões me levaram a este estado?

O Quinto Ser - POSITIVO

O domínio da inteligência interpessoal e dos conhecimentos tecno-científico dos fenômenos físicos exteriores. Crise existencial (afirmação e negação da mente) e a busca sistemática de soluções lógicas e psicológicas. Maturação da consciência integral. Conflito interior entre a religiosidade e a racionalidade. Busca de harmonia entre a física e metafísica.

5ª fase: Diálogo mais livre e desbloqueio da comunicação.

Reminiscência: Que conseqüências tais sentimentos estão gerando em mim?

O Sexto Ser - PSICOLÓGICO

O domínio da inteligência intrapessoal e dos conhecimentos tecno-científicos dos fenômenos metafísicos interiores. Funcionamento da consciência integral e tendência a plenitude existencial. Harmonia entre a física e metafísica. Religiosidade interior voltada para soluções exteriores, solidariedade social.

6ª fase: Aceitação e experimentação mais imediata dos sentimentos.

Reminiscência: Por onde posso começar a mudar a situação?

O SÉTIMO SER – CÓSMICO E INTEGRAL

Domínio da inteligência e da consciência integral. A plenitude vivencial. Religiosidade natural interior e mística.

7ª fase: Confiança total na transformação pessoal, disposição espontânea de diálogo e de comunicação. Auto-aceitação.

Reminiscência: Qual é o ponto essencial da mudança?

A verticalização do corpo humano coincide com o despertar das faculdades psíquicas; são elas que permitem ao homem a sintonia com os planos superiores da vida, que lhe dão os rumos de existência. A mediunidade como instrumento e extensão mental, torna-se uma bússola existencial para que o homem aos supere os instintos e domine a intuição. Ela também vai marcar a transição mental do mundo sensorial para o mundo extra-sensorial, do mundo exterior e físico para o mundo interior e espiritual. Como bem definiu Edgard Armond[16], ela quase sempre foi o recurso pelo qual os Espíritos Superiores puderam interferir em nosso planeta para garantir a evolução da sociedade humana. Foi assim que aprendemos a dominar a natureza e seus elementos e tem sido assim até nos mais avançados laboratórios do mundo contemporâneo, onde sempre se realiza o estreito contato entre os gênios desencarnados inspirando os gênios encarnados nas descobertas fundamentais das ciências e das artes. A mediunidade, embora mal conhecida nos tempos remotos, não sofreu em si mudanças na sua fenomenologia, manifestou-se no homem das cavernas, nos clãs e tribos da proto história, nos círculos sacerdotais fechados das sociedades teológicas até ser “derramada na

carne” das camadas populares, como garantia de uso aberto e de livre acesso ao Mundo Superior. A história da mediunidade é vasta e ficaríamos páginas e páginas citando seus inúmeros exemplos nos registros de todos os povos, em todos os tempos. Mas não podemos deixar de concluir é que essa faculdade, tanto na sua manifestação natural como seu caráter de prova, é o instrumento principal de que dispomos para desenvolver as características do Homem do Futuro. Sendo cada vez mais um tipo de habilidade espiritual, ela é em sim uma forma de inteligência pessoal, as chaves que abrem gradualmente as portas do universo interior.

É fato inegável, estamos passando por uma crise existencial que marca em nós a mudança de percepção do mundo exterior para o mundo interior. O que caracteriza essa crise é essa descoberta, que nos causa um impacto em todo o nosso conjunto vivencial: na mente, no perispírito e também no corpo físico. Nossas percepções, sensações e sentidos físicos sofrem um abalo estrutural no qual estávamos acomodados e passam a exigir de nós uma reestruturação para uma nova acomodação. Já passamos por esse abalo quando, ainda no mundo animal, descobrimos a razão. Essa descoberta do mundo interno foi sendo feita de maneira gradual e sempre esteve relacionada ao nosso grau de consciência nas vivências do mundo físico e, em muitos casos, ao grau de mediunidade. Esse impacto é também semelhante ao que sofre as crianças quando saem do universo concreto e descobrem o mundo abstrato durante o processo de alfabetização.

Quando sofremos este abalo vivencial na descoberta da razão tivemos que fazer uma troca de valores materiais por valores morais; fomos progredindo lentamente na descoberta desse mundo interno. Primeiro descobríamos um pedaço de pão e, pela operação instintiva saciamos imediatamente a nossa fome; depois, descobrimos um outro pedaço de pão e, racional e economicamente, o dividimos em um número de pedaços igual ao número de dias que demoraríamos para encontrar outro pedaço de pão; administráramos a necessidade de saciar a fome; agora encontramos um pedaço de pão, olhamos para todos os lados, queremos comê-lo de uma só vez, pensamos em guardar para os próximos dias, mas estamos sendo incomodados por um novo fator: a consciência. Com novos e sempre incômodos valores, a consciência nos força a olhar novamente para todos os lados e enxergar que outros seres estão sem o pão. Aí está a crise: comer tudo num dia só, cortar e, ainda sozinho, comer um pedaço a cada dia, ou repartir aquele pedaço com os que não tem nenhum? Nas duas primeiras opções ainda estamos vendo pela ótica racional do mundo exterior, enquanto que na última já vislumbramos o mundo interior. Repartir o pão com o outro é uma operação que supera a vivência racional e atinge a vivência emocional e interior.

Quando operamos além do instinto e da razão geralmente lidamos com outros instrumentos cognitivos, diferentes do cálculo ou da agilidade física. Passamos usar instrumentos cognitivos espirituais, inter e intrapessoais. Esses instrumentos se caracterizam pelos valores morais, negativos e positivos que aprendemos culturalmente. Com eles estabelecemos julgamentos nos quais usamos como referência, para comparação, outros seres humanos. Geralmente, nessas operações, quando desprezamos os fatores instintivo e

racional, nos colocamos sempre no lugar do outro e tentamos imaginar, em questão de segundos, como reagiríamos naquela situação. Essa forma de inteligência é chamada de empatia, um aprofundamento da simpatia, porque não é um sentimento unilateral, mas recíproco: um precisa e o outro dispõe. Quanto maior a nossa capacidade de empatia, maior será a nossa capacidade de penetrar em nosso mundo interior, sem sofrimentos ou traumas. A melhor forma de tentar penetrar e compreender em nosso mundo íntimo é tentar respeitar, aceitar e compreender o mundo íntimo do outro. O nosso mundo íntimo está fechado desde que fomos criados; é um mistério, uma porta cuja chave e segredo sempre está com o nosso semelhante e nunca conosco; isso é proposital na sabedoria da Criação, pois se estivesse conosco talvez já teríamos perdido pela indiferença ou pela ferrugem do egoísmo. Quando odiamos um semelhante o nosso mundo fica cada vez mais fechado em nós e aberto, exteriorizado para o grosseiro mundo material; nele se manifesta com mais dureza e rigor a lei de ação e reação, voltando para nós a mesma carga energética negativa. Já quando o amamos vai se tornando cada vez mais interiorizado e a mesma lei se manifesta de forma mais suave e branda; então os enigmas são decifrados, os mistérios são revelados e, dentro de nós, as portas se abrem. Quando entramos, sentimos uma sensação diferente e muitíssimo agradável, que é a felicidade. Isso é o Reino de Deus. Essa era a missão de Jesus. Ele veio “demonstrar” com exemplos o que outros mestres tinham apenas “mostrado” com teorias esse percurso da descoberta do mundo interior. Primeiro dava o exemplo; nossas cabeças ficam um pouco confusas com esses exemplos; para espantar a confusão e aquietar o nosso ser, Jesus conta uma parábola. Como sabemos, todas elas revelam a chave do Reino de Deus; todas elas representam o fim da nossa atual crise existencial. Foi exatamente por isso que Ele disse, como muita propriedade, que era o Caminho, a Verdade e a Vida e que ninguém iria ao Pai senão por ele.

Referências:

[15] De “Antroposofia”, teoria do filósofo espiritualista Rudolf Steiner.

[16] “Mediunidade”, Editora Aliança.

Artigo Reproduzido com Autorização do Autor